

Pedrinho A. Guareschi

# **SOCIOLOGIA CRÍTICA**

Alternativas de mudança

63ª edição

 **ediPUCRS**  
[www.pucrs.br/edipucrs](http://www.pucrs.br/edipucrs)

Porto Alegre, 2011

Diagramação e Capa:  
*Jornal Mundo Jovem*

Impressão:  
*Gráfica Epecê*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G914s Guareschi, Pedrinho A.  
Sociologia crítica: alternativas de mudança /  
Pedrinho A. Guareschi. 63. ed., rev. e ampl. - Porto  
Alegre: EDIPUCRS, 2011.  
156 p. (Cadernos Emejota; 2)

ISBN: 978-85-7430-868-5

1. Sociologia I. Título. II. Série.

CDD 301

Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 - Porto Alegre, RS/Brasil  
Fone/fax: (51) 3320-3711 / 3320-3882  
E-mail: edipucrs@pucrs.br  
Site: www.pucrs.br/edipucrs

## Sociedade: sistema ou modo de produção?

A discussão que vamos fazer agora tem a ver com o que acabamos de explicar sobre as duas grandes teorias que fundamentam nossa maneira de ver as coisas, e com a ideologia que existe por trás das diversas teorias.

Quando falamos em sociedade, geralmente empregamos o termo "sistema social". Dizemos que as sociedades são sistemas sociais específicos, determinados por diferentes fatores, que distinguem, dessa maneira, um sistema social de outro.

O que nos interessa no momento não é analisar os diversos tipos de sistemas, ou sociedades, mas é discutir o nome que se usa e por que se usa tal nome.

À primeira vista, parece ser sem importância e sem consequência nenhuma o fato de se empregar o termo sistema social para designar a estrutura interna de uma sociedade. Mas se refletirmos um pouco, veremos que o próprio uso desse conceito implica em determinada ideologia e em determinada maneira de ver as coisas e a sociedade.

O que significa, ou o que implica, o uso do termo "sistema" social? O que vem à sua cabeça quando você ouve a palavra "sistema"?

O normal é nós imaginarmos um conjunto inter-relacionado de coisas, ligadas e dependentes umas das outras, todas com sua função determinada, formando uma unidade específica e completa, fechada sobre si mesma. Tudo o que existe dentro de tal sistema possui sua função e não há nada sobrando. Algumas peças são centrais e fundamentais, mas nenhuma é indispensável. Um exemplo bom é o relógio (o de antigamente). São dezenas, até centenas, de pequenas peças. Eixos, rolamentos, engrenagens, que fazem o relógio andar e funcionar.

Quando se chama uma determinada sociedade de "sistema", entende-se, do mesmo modo, que nesse país, ou nessa nação, há um conjunto todo de elementos, de mil tipos diferentes, que formam a estrutura dessa sociedade. Essa sociedade é um sistema, isto é, uma

máquina, e tudo o que existe nela tem sua função. O sistema é tanto mais perfeito quanto mais os subsistemas, ou os diversos elementos que formam essa sociedade, se inter-relacionarem, e quanto melhor cada um deles, cumprir sua função. Estaria faltando alguma coisa para se compreender bem esse tipo de sistema?

À primeira vista, parece que não. Temos, ou podemos fazer uma descrição perfeita de cada elemento, como eles estão relacionados e interligados, e teremos a compreensão perfeita do assunto. Mas saberemos mesmo tudo de tal sociedade?

Vamos discutir um outro termo, ou conceito, que ultimamente está sendo empregado, ao menos por alguns mais corajosos, para designar uma sociedade, ou um determinado sistema social: esse termo é “Modo de Produção”. Talvez esse nome seja novo para você. Talvez seja até a primeira vez que você o esteja escutando. Mas não se espante. Vamos discuti-lo.

Por que tal nome? Há razões e bem interessantes, de se chamar os diversos tipos de sociedades de “modos de produção”. E o uso deste conceito, assim como o uso do conceito “sistema”, possui certos pressupostos e certas ideologias. Assim, se eu uso o termo “sistema”, eu descrevo a sociedade como ela é aqui, e agora, no momento presente. Tiro uma fotografia perfeita da situação em que ela está agora. Mas não digo nada da maneira como ela começou e por que chegou a tal situação. Também não digo nada das razões e dos interesses das pessoas que fizeram com que tal sociedade chegasse a ser assim, isto é, não explico a que interesses esse determinado sistema social responde. Além disso, implicitamente eu transmito a ideia de que essa sociedade funciona assim “naturalmente”, que ela é absoluta e autônoma em si mesma, que não depende de nada mais.

Se eu uso o conceito “modo de produção”, ao contrário, eu já mostro possuir muitos pressupostos específicos. E um dos pressupostos que está presente, e pode-se perceber de imediato, é o de que nenhuma sociedade pode existir e se estruturar a não ser a partir de sua sobrevivência, isto é, de sua produção. Quem denomina uma sociedade de “modo de produção” está dizendo implicitamente que as sociedades todas, isto é, as formações sociais, se estruturam (nascem, crescem, se desenvolvem) a partir da maneira como se conseguem as coisas para viver: o como se consegue a comida, a bebida, a

vestimenta, a moradia, a sobrevivência, dá a característica fundamental a uma sociedade qualquer.

Se formos dizer isso num plano mais individual, referindo-nos a uma pessoa singular, diríamos que ninguém consegue viver sem comer, sem se alimentar. E penso que isso seja evidente, seja óbvio. Não há ninguém que viva sem comer. Só por milagre se vive sem comer e isso já está acima da natureza. Passando para um plano social, diríamos, que nenhuma sociedade pode subsistir sem produção. A produção é o motor de uma sociedade. Aqui surge uma pequena discussão. Alguns poderão perguntar: mas isso não é materialismo? Bem, se por materialismo a pessoa entender que para viver a gente precisa comer, então realmente isso é materialismo. Mas parece que materialismo não é bem isso (Confira o capítulo 11). O que se pretende afirmar, pura e simplesmente, é que, para viver, alguém precisa comer. E se a pessoa não comer, não poderá estudar, não poderá rezar, não poderá passear, não poderá filosofar, não poderá contemplar, não poderá fazer nada. Depois que se alimentou, então pode fazer todas as outras coisas.

Um segundo pressuposto de quem usa o conceito “modo de produção” é ligado ao primeiro, mas pode ser especificado melhor e discutido mais a fundo: é o pressuposto histórico. Quem usa o conceito “sistema”, restringe-se ao que está aí. Quem usa o conceito “Modo de produção”, já está insinuando que para se compreender uma sociedade em sua essência e profundidade é preciso ver quem a gerou, isto é, ver quais são seus pais. Por isso se vai logo ao anterior, ao que determinou ou condicionou essa sociedade que aí está. E o que condicionou esse tipo de sociedade foi a maneira como as pessoas puderam ou tiveram de se organizar para poder sobreviver.

A conotação histórica está subjacente ao conceito “Modo de produção”. Isso nos leva já a ter presente que as sociedades podem mudar, e se por acaso são assim nesse momento, houve um tempo em que não eram assim e haverá um tempo em que serão diferentes. Poderão existir muitos fatores que modificaram ou modificarão essa sociedade. Um, porém, é fundamental: é a maneira como essa sociedade vai conseguir garantir sua sobrevivência. Esse fator está sempre subjacente a tudo.

### ***Qual dos dois nomes será melhor?***

Como você mesmo pode descobrir, os dois conceitos supõem as teorias explicativas da sociedade. Uma teoria que vê a sociedade organizada, estruturada, com funções interligadas, completa, absolutamente fechada: a teoria funcionalista-positivista. Outra teoria que vê a sociedade como estruturada a partir de um fator básico (a produção), e que poderá mudar, conforme a maneira como ela conseguirá sua sobrevivência: a teoria histórica. Essa segunda teoria explica como ela é, por que ela chegou a ser assim, isso é, vai às suas origens, às suas causas. A primeira, ao contrário, fica somente no aqui e agora. Se uma teoria é tanto mais científica quanto mais fenômenos ela explica, ou quanto mais do fenômeno ela explica (confira o capítulo 1), então paremos nos que a segunda teoria é mais científica.

Haveria ainda algumas considerações a fazer sobre a ideologia e subjaz a essas diversas teorias. A quem elas interessam? Com a discussão que se fez sobre ideologia, você mesmo poderá tirar as conclusões que se fizerem necessárias.

É evidente que quem tem interesse em fazer com que as coisas permaneçam como são e não pretende que as coisas mudem, vai preferir uma teoria que insinua, ao menos implicitamente, que as coisas são assim “porque são assim”. O sistema que está aí é assim “porque é assim”. Ele funciona organizadamente, tudo caminha para uma harmonia. No final, tudo acaba bem, tudo volta ao equilíbrio. Pode haver problemas, mas são todos passageiros. O normal e o “natural” é que as coisas sejam como são.

Já quem tem interesse em fazer com que as coisas mudem, procura uma teoria que, ao menos implicitamente, insinue que as coisas em sempre foram assim, que houve um tempo em que eram diferentes e que, se são assim num lugar, em outro podem ser diferentes. Essa é a visão histórica da sociedade. Tenta-se mostrar que tudo tem um pai”, tudo tem uma causa. Insiste-se em que se preste atenção à origem das coisas. E isso é mostrar a causalidade das coisas. Insiste-se em tornar evidente que todos os sistemas sociais, ou os modos de produção, são criações humanas, portanto são cultura humana, são fenômenos “culturais”, e não naturais.

Peter Berger, no seu livro *Perspectivas Sociológicas*, chama a isso de “êxtase”. É a capacidade que uma pessoa tem de saltar de um

mundo em que vive mergulhado, para um outro mundo possível. O êxtase transforma a consciência que se tem da sociedade, fazendo com que determinação se converta em possibilidade. Se encararmos a sociedade como sendo um "sistema" social organizado e coerente, facilmente caímos na tentação de naturalizá-la, isto é, de determiná-la, pois a natureza é determinada, sempre foi assim. Se, pelo contrário, mostrarmos o caráter histórico, cultural da sociedade, temos chance de mostrar e perceber sua relatividade, isto é, sua possibilidade: a sociedade como existe é uma das formas possíveis, mas não a única. Pode mudar, dependendo dos interesses dos que dela participam.

Você já ouviu falar no "método Paulo Freire", dos Círculos de Cultura. Pois a primeira discussão que se fazia nesses círculos era mostrar a diferença entre natureza e cultura. Quando as pessoas percebem essa diferença, então se dá o "estalo", o "êxtase": as pessoas se dão conta de que a sociedade em que vivem é uma das formas possíveis de se viver, e que se houver outros interesses, poder-se-á mudar. E aí as coisas ficam muito diferentes.

## CAPÍTULO 5

# A teoria do modo de produção

Torna-se necessário, a esta altura, discutir alguns conceitos para podermos prosseguir no nosso trabalho. Sendo que nós usaremos a teoria do modo de produção em nossas análises da sociedade, torna-se indispensável explicar alguns termos que são comuns nesse tipo de análise.

Não sei se você já pensou o que é um conceito. Ele é igual a um nome, ou a uma pessoa. Há algumas pessoas com as quais a gente está bastante familiarizado, pois encontra-se com elas todos os dias. Se alguém mencionar seu nome, logo a gente vai identificá-las. Assim é com os conceitos. Alguns são bastante familiares. Outros, estranhos. Pois o nosso trabalho agora é tentar familiarizar-nos com alguns nomes, conceitos, que serão, posteriormente, usados em todas as nossas discussões.

Na medida em que formos discutindo os conceitos, nós vamos também relacionar esses conceitos uns com os outros. Da relação (junção) de uns com os outros, irá aparecer uma espécie de instrumento para se poder analisar a sociedade. Vamos ver depois, na análise dos diversos modos de produção, como esse instrumento vai ser extremamente útil. É com esse instrumento que se verão as diferenças que existem, por exemplo, entre comunismo, capitalismo e socialismo.

Para tornar mais fácil e interessante a montagem desses instrumentos, nós vamos fazê-lo em forma de pergunta. É um método prático e você poderá utilizá-lo, quando quiser, com os diversos grupos de trabalho onde você, por acaso, irá atuar. Vamos, pois, começar a montagem do instrumento. Para cada novo conceito que for aparecendo, nós iremos dando um número. No final deste capítulo você tem o instrumento pronto, com os números dos conceitos.

Pergunta: O que é necessário para viver? (pensamos que não haja pergunta mais fundamental que essa e nossa análise parte do concreto, do chão).

Resposta: Para viver são necessárias muitas coisas, mas principalmente comer. Ninguém vive sem comer. Para se fazer qualquer outra coisa, é necessário comer. Até hoje não se descobriu a receita de viver sem comer...

Pergunta: Como se conseguem as coisas para comer?

Resposta: Conseguem-se as coisas para comer trabalhando.

O trabalho é o ponto fundamental, é a chave de tudo. Alguém chamou o trabalho de “a chave da questão social” e, logo adiante, de “a chave da solução da questão social”. Esse é o conceito número 1. Muitas pessoas respondem a essa pergunta, dizendo: comprando, ou pedindo. Mas quem trabalha, responde logo: trabalhando!

Pergunta: Conseguem-se as coisas para comer trabalhando onde?

Resposta: Trabalhando na terra (de onde vem tudo) e nas fábricas (onde se transformam as coisas da terra). Pode examinar a sala, ou o lugar onde você está: tudo o que você vê aí veio da terra, ou da fábrica. Há muitas pessoas que trabalham em mil outros lugares, mas se você vai pesquisar a fundo, vai ver que esses outros trabalhos estão direcionados a esta finalidade principal: sobrevivência. E o centro da sobrevivência é a alimentação. Numa escola, por exemplo, há professores e alunos. Aí não se produzem coisas diretamente necessárias para viver: a escola não é nem uma fazenda, nem uma fábrica. Mas para que existem escolas? Para diversas finalidades. Principalmente deveriam existir para fazer com que as pessoas atualizassem suas capacidades, desenvolvessem suas potencialidades, a fim de poderem ser úteis à sociedade. É verdade que infelizmente muitas escolas não fazem mais que treinar as pessoas para trabalharem com eficiência e rapidez, sem se preocupar se isso vai ajudar a elas, à sociedade, ou somente a alguns. São poucas as escolas que formam para uma educação integral. Mas, de qualquer maneira, a escola está a serviço da sobrevivência, ajuda as pessoas a conseguirem as coisas para viver.

Tome nota então de mais dois conceitos: n.º 2: Terra. N.º 3: fábricas (veja o esquema no fim do capítulo).

Pergunta: Como se chamam as terras e fábricas?

Resposta: O nome mais comum para se designar as terras e fábricas, e todo elemento material que de qualquer maneira produz alguma riqueza, é “meios de produção”. Esse é um conceito muito importante. É o n.º 4. Guarde bem esse nome. Meio de produção é o que

produz riqueza. Deve ser distinguido claramente do que se chama de “bem de consumo”, que é o produzido por um meio de produção. Assim, por exemplo, o feijão é um bem de consumo, como uma calça, uma casa para morar, um carro para andar. Mas às vezes uma casa ou um carro podem ser meios de produção, quando, por exemplo, a casa é para alugar; ou quando o carro é um táxi, ou um ônibus, que produz riqueza.

Há, ainda, um outro conceito que serve para designar elementos materiais que produzem riqueza. Esse conceito é “capital” - nº 5. Capital vem do latim: de “caput”, que significa cabeça, chefe e fonte. Não se sabe o que originou o termo “capital”, mas pode ser tanto “fonte”, pois a terra e as fábricas são a “fonte” de toda riqueza; como também “cabeça”, pois houve um tempo em que o gado era moeda, e o “capital” era calculado pelo número de “cabeças” de gado que alguém possuía. *(Para simplificar, chamamos de capital neste trabalho, aos meios de produção. O conceito de capital, contudo, é muito complexo e pode significar também mais coisas, transformando-se até numa relação social, dependendo da conceituação que a ele se der).*

Pergunta: E como se poderiam chamar os meios de produção (o capital) e o trabalho?

Resposta: Um nome bom para designar capital e trabalho é “forças de produção” ou “forças produtivas”. Mais um conceito. Tome nota: n.º 6. São os meios de produção, movimentados pelo trabalho humano, que são os responsáveis pela existência de toda riqueza.

Pergunta: Como apareceram os agrupamentos humanos, as sociedades? Qual o elemento fundamental que fez com que as sociedades se organizassem?

Resposta: Essa pergunta pode dar muita discussão. De início podem surgir diversos fatores que possam ter dado origem às diversas sociedades. Mas um fator pode ser identificado como o fundamental: os grupos humanos se organizaram para garantir sua sobrevivência. Ninguém vive sem comer. Se cai um avião no meio de uma floresta, e as pessoas sobrevivem, a primeira coisa que vão fazer é pensar na sobrevivência. Vão ter de ver se há algo para comer, beber. Depois vão ver onde pousar, se precisam de agasalho. Mas o principal mesmo é a comida. As vestes e a moradia virão depois.

A resposta que se poderia dar, então, é que as diversas formações sociais (esse é um nome bom para designar as sociedades) se organizaram, isto é, nasceram, cresceram e se estruturaram a partir da maneira como conseguiram as coisas fundamentais para sobreviver. É um nome bom para designar “a maneira como se conseguem as coisas para sobreviver” é “modo de produção”. É mais um conceito: nº 7. É a maneira como se conseguem as coisas para sobreviver que dá a característica fundamental a uma sociedade.

Assim os índios nômades não vão construir prédios de dois ou três andares, pois eles vão migrando na medida em que necessitam coisas para viver: caça e pesca. Eles vivem da extração primária. E quando isso termina num lugar e é abundante no outro, eles migram. Conosco já é diferente: temos um trabalho por aqui, e pretendemos ficar um bom tempo, talvez toda nossa vida. Por isso construímos uma casa com material que possa durar muitos anos.

Se você examinar agora a história de todas as sociedades, vai perceber que isso é assim mesmo: a maneira como se conseguem as coisas para sobreviver dá a característica básica a uma formação social. Até o tipo de família sofre esta influência. No Brasil da *Casa Grande e Senzala*, onde os escravos conseguiam todas as coisas para sobreviver, podiam existir tipos de famílias patriarcais, isto é, grupos de cinco, dez famílias numa casa só. Havia um dono só, o filho mais velho, e os outros iam se colocando ao redor da casa grande. Hoje em dia as coisas já são um pouco diferentes. A maneira como se conseguem as coisas para sobreviver mudou. Vivemos numa sociedade industrializada, onde cada pessoa que trabalha recebe seu salário individual. As famílias foram, então, se reduzindo, se tornando mínimas, celulares: homem, mulher e o menor número de filhos possível.

Vamos agora examinar o esquema todo, que nós queremos que seja o nosso instrumento de análise. Começamos de trás para a frente, a partir de perguntas simples e quase óbvias. Se você for discutir isso com algum grupo, vai poder constatar que as pessoas vão normalmente construindo esse instrumento e respondendo às perguntas como foram colocadas. Chegamos, assim, ao início, ao ponto de partida, à identificação do conceito “modo de produção”, que nós gostaríamos de usar em lugar de “sistema” (veja o capítulo 4).

A pergunta que se coloca agora é: o modo de produção é apenas

as forças produtivas, ou ele possui mais um elemento? Ou ainda: o que distingue um modo de produção de outro modo de produção? Pois todas as formações sociais, as sociedades, possuem essas forças produtivas: capital e trabalho. O que mais faria parte integrante, estrutural, de um modo de produção?

Resposta: A resposta a essa pergunta não é fácil. Para fazer as pessoas descobrirem por si mesmas, demora sempre um pouco. Mas se chega lá.

Quando se examina um grupo humano, uma família, uma escola, muitas vezes fazemos uma análise superficial do fenômeno, descrevendo apenas o que vemos, sem chegar à essência, à vida do grupo como grupo. E o que faz a vida do grupo, sua vivência, é aquele encaixado, aquela trama de *relações* que constitui a alma do grupo. A essência de um grupo é aquela rede de inter-relacionamentos que une ou desune os diversos elementos do grupo, mas que sempre tem a ver com o grupo como grupo, e não com as pessoas individuais. Assim, por exemplo: a comunicação, a união, a colaboração, o diálogo, o conflito, as divergências, a competição, a cooperação, a dominação, a submissão etc. São milhares de relações, que variam de grupo para grupo. A existência maior ou menor de determinadas relações e as diferentes relações vão distinguir um grupo de outro grupo.

### ***O que é relação?***

É fundamental aprofundar um pouco esse conceito de relação. A gente usa essa palavra muitas vezes por dia, mas quando se trata de defini-la, temos dificuldades. Já tentou definir o que é relação?

Na Filosofia se diz que relação é a “ordenação intrínseca de uma coisa em direção a outra coisa”. Uma menina de 13 anos definiu perfeitamente relação: “É aquilo pelo qual uma coisa não pode ser aquela coisa, se não tem outra coisa”. Pois é isso mesmo. Relação é aquilo pelo qual uma coisa não pode ser o que é, se não há outra. Veja, por exemplo, a palavra “pai”. Alguém consegue ser pai sozinho? Para alguém ser pai, precisa, no mínimo, de uma mulher e de um filho. Sem uma mulher e um filho, não há pai. Assim também a palavra “mãe” e “filho”. Então veja a questão: se digo “pai”, ao mesmo tempo estou dizendo “mãe” e “filho”. Isto é: estou dizendo uma coisa e três coisas, sob diferentes aspectos. Por que não é absurdo dizer que Deus é um,

e três pessoas? Porque pessoa, nesse caso, é uma *relação* (uma não existe sem a outra) e pela comunhão essas três pessoas formam uma unidade, o Deus dos cristãos.

Veja agora a lista de relações que colocamos acima: você vai descobrir que uma pessoa só não consegue nunca perfazer uma relação. Você não consegue cooperar sozinho. Para você cooperar, é preciso mais alguém. A origem da palavra já significa “trabalho junto”.

A palavra “relação” é extremamente importante para a Sociologia. Alguns críticos de Marx, por exemplo, dizem que ninguém consegue entender nada de sua teoria, se não tiver esse conceito presente, e que o conceito relação resume toda sua teoria sociológica.

Você se lembra da discussão sobre as duas grandes teorias em Sociologia? Pois aqui está o ponto. Um adjetivo que provém de “relação” é “relativo”.

Relativo se contrapõe a “absoluto”. A diferença básica entre as duas teorias, pois, é que uma vê o sistema como fechado, absoluto. A outra vê tudo relacionado, pois os agrupamentos humanos são históricos, e, se são históricos, são relativos, ao menos quanto à história.

Peter Berger diz que uma das características da consciência sociológica é a mentalidade “relativizadora” que toda pessoa que lida com o social deve possuir. Há uma diferença fundamental entre uma pessoa com mentalidade relativizadora, isto é, uma pessoa que tenta ver imediatamente as relações que as coisas têm com as outras, e uma pessoa com uma mentalidade absolutizadora, isto é, uma pessoa que vê as coisas estanques, fechadas, isoladas umas das outras.

### ***Relações de produção***

Mas por que no esquema se colocou relações de *produção*? Bem, “de produção” aqui fica como um adjetivo. O fundamental é a identificação das relações. Mas como nenhuma sociedade sobrevive sem sua produção, as relações “de produção” ficam sendo então as básicas, indispensáveis. Isso porque ninguém vive sem comer e nem uma sociedade vive sem produção. Mas elas são necessárias, nem por isso são suficientes.

Sobre essas relações, milhares de outras relações são criadas e construídas. Não se discute aqui o tipo de determinação de umas sobre as outras. Isso vai ser visto no capítulo sobre infra e superestrutu-

ra. Apenas se quer insistir sobre esse fato óbvio de que sem comer ninguém vive. As relações de produção são pois o nosso conceito n.º 8.

Terminamos, desse modo, o instrumento de análise, estrutura básica das formações sociais, das sociedades. Com isso poderemos agora examinar os diversos tipos de sociedade e ver no que elas se distinguem, a partir dessa estrutura básica. E você vai notar logo como esse instrumento vai ajudar. É o tipo de relações que se estabelece entre as pessoas e entre as pessoas e coisas (isto é, entre trabalho e capital) que distingue basicamente um tipo de sociedade de outra (ver quadro 1).

**Quadro 1**

**Esquema instrumental para análise da base de uma sociedade**



Passaremos agora a fazer uma discussão de três formações sociais possíveis a partir de sua estruturação básica: as forças e relações de produção (cap. 6, 7 e 8). No capítulo 9, ampliamos o quadro, acrescentando a essas possíveis formações sociais outros elementos que aprofundam sua compreensão: a concepção de ser humano nelas subjacente, as filosofias (valores) que as sustentam e as condutas e relações que são predominantes em sociedades que possuem tal concepção de ser humano e tal filosofia (valores).

## Capitalismo

Quase todos os dias se ouve falar que o Brasil é um país capitalista, que o sistema que predomina no Brasil é o capitalista. Vamos tentar explicar o que isso significa.

Vimos como todas as sociedades humanas, todos os grupos humanos, se organizaram para conseguir uma coisa fundamental: a sobrevivência. Sobrevivência é, principalmente, ter as coisas necessárias para comer, vestir, morar etc. Vamos chamar a essa “maneira de conseguir as coisas para viver” de modo de produção.

Com o quadro do capítulo anterior a gente pode entender agora o que é capitalismo e como ele se distingue de qualquer outro modo de produção.

Por exemplo: as forças produtivas são, em geral, as mesmas para qualquer sistema. No sistema nômade dos índios: as forças produtivas eram o pouco trabalho deles em tirar as coisas da terra, ou plantar alguma coisa, como mandioca, milho etc.; eram então as terras e o trabalho.

No sistema cooperativista: é o trabalho dos cooperativados, ou na terra, ou na fábrica.

Também no capitalismo as forças produtivas são o trabalho, na terra, nas fábricas e em muitos outros tipos de empresa.

O que distingue, então, um sistema de outro? Aqui está o interessante. Quem estabelece esta distinção são as relações de produção. Isto é, como o capital e o trabalho se relacionam.

Vamos dar um exemplo: num sistema de cooperativas, que relações existem?

Precisa distinguir: entre os que trabalham e entre os que trabalham e o capital. Entre os que trabalham, a relação mais importante é a cooperação. É por isso que o sistema se chama de cooperativo. E entre os que trabalham e o capital (terras e fábricas)? De quem são as terras e fábricas? - São dos que trabalham. E o lucro, de quem é? Dos que trabalham. Então que relação existe? A relação é a de alguém que

possui o capital e os lucros, se apropria do capital e dos lucros, isto é, relação de posse, *apropriação*.

Resumindo: num sistema cooperativo, as relações são de *cooperação* entre as pessoas, e de *apropriação* entre as pessoas (trabalho) e o capital (terras e fábricas).

Agora vamos tomar um exemplo de uma fábrica (ou terra), no sistema capitalista.

Pergunta-se: qual a relação entre as pessoas? São todas iguais? A resposta é: não. Por quê? Porque uns são os donos do capital e os outros trabalham. Isto é: existem alguns que são proprietários e os outros só trabalham. A palavra “dono”, em latim, é “dominus”. Costuma-se dizer então que a relação entre as pessoas é de “dominação”, isto é, há necessidade de “donos”.

Agora, qual a relação entre o trabalho e o capital? Pensemos um pouco. Para entender o nome que vamos dar a essa relação é preciso alguma coisinha mais. E essa coisinha é: o que dá valor a todas as coisas?

A palavra “valor” é muito complicada. Várias coisas são denominadas por essa palavra. Há o “valor moral” que designa as negociações e tradições de grupos e povos sobre como devemos viver e nos comportar. Há o “valor natural”, que é o valor que algo possui por ser “natureza”, como o ar, a água, as terras. E há o “valor econômico”, que é o resultado do *trabalho humano*. É preciso distinguir entre esses três tipos de valor. Queremos mostrar que a única coisa que dá “valor” econômico a algo é o trabalho humano empregado em se fazer isso. Assim, valor é diferente de preço. Enquanto o preço do quilo de feijão pode ser 50 centavos ou um real, isto é, pode variar muito conforme a quantia que existe, o valor é sempre o mesmo: quanto se gastou para ter esse feijão, isto é, trabalho humano empregado.

Valor é também diferente de utilidade: - uma caneta estragada não escreve, não é útil; mas o seu valor é o mesmo; quanto se gastou para fazer esta caneta. O ar, oxigênio, é extremamente útil. No entanto, ninguém trabalhou para fazê-lo. É natureza, e você, por enquanto, não paga o ar. Só será pago quando nele houver trabalho humano. Assim, se pensarmos um pouco, vamos ver que a única “energia” que nunca desgruda do objeto, e que em última análise dá valor econômico e constitui o valor desse objeto, é o trabalho humano que se gastou para ter essa coisa.

O Papa Leão 13 já dizia isso claro no fim do século passado, em sua encíclica *Rerum Novarum*: “O trabalho humano é tão admirável, que se pode afirmar, sem sombra de erro, que é a fonte única da riqueza das nações”.

Antigamente, quando não existia dinheiro, o critério para se saber o “valor” das coisas era quanto tempo se tinha gasto para fazer essa coisa, isto é, o trabalho humano. Se se gastassem quatro horas para fazer uma calça e duas horas para se fazer uma camisa do mesmo tecido, trocavam-se duas camisas por uma calça.

Resumindo: é o trabalho humano que produz todo o valor, toda riqueza.

Agora, a perguntinha importante, que vem ajudar a compreender qual a relação entre capital e trabalho num sistema capitalista: se é o trabalho humano que produz toda riqueza, e só o trabalho (Leão 13), por que é que o lucro vai para quem tem o capital (terra e fábrica)? Como se chama a relação pela qual o dono do capital, sem trabalhar, ou trabalhando um pouco apenas (o trabalho dele só), fica com a maioria do lucro? Essa relação se costuma chamar de expropriação, ou exploração, isto é, a relação pela qual um tira uma coisa do outro.

Retomando, então: Qual a diferença entre um sistema cooperativo e um sistema capitalista? Veja a diferença da relação:

Quadro 2

**Diferença entre um sistema cooperativo e capitalista a partir das relações de produção**

	Sistema Cooperativo	Sistema Capitalista
		
Relações entre as pessoas	Cooperação	Dominação
Relações entre o trabalho e o capital	Apropriação	Exploração